

A HORTA ESCOLAR COMO ELEMENTO DINAMIZADOR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DE HÁBITOS ALIMENTARES SAUDÁVEIS

THE SCHOOL GARDEN AS A DINAMICAL ELEMENT OF THE ENVIRONMENTAL EDUCATION AND HEALTHFUL NOURISHING HABITS

Sandra Lucia de Souza Pinto Cribb¹

¹Centro Universitário Plínio Leite/Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu, sandralucibb@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo relata a experiência profissional em um colégio da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), localizado no município do Rio de Janeiro. Durante seis anos foi trabalhada a Educação Ambiental a partir da horta escolar e através das atividades desenvolvidas puderam ser percebidas as mudanças de hábitos e atitudes de alunos de quinta e sexta séries do ensino fundamental no que se refere à maneira como eles percebiam a natureza. Foi observada ainda a formação de uma consciência de respeito à preservação ambiental, a melhoria da alimentação através da aceitação de verduras e legumes frescos e sem agrotóxicos, a percepção de que a solidariedade é importante para o trabalho em conjunto e a construção do senso de responsabilidade.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Horta Escolar, Interdisciplinaridade.

Abstract

This paper reports the professional experience in one of the Community Schools National Campaign (CNEC) in Rio de Janeiro City, Brazil. During six years the Environmental Education was taught in the school garden and through the activities there developed it could be seen the changes of habits and attitudes in fifth and sixth graded students of elementary school concerning the way they understood the nature. It was still observed the formation of a respectful conscience to the environmental preservation, the improvement of the nourishment through the acceptance of fresh vegetables and without pesticides, the perception that solidarity is important to work in group and the construction of the sense of responsibility.

Key words: Environmental Education, School Garden, Interdisciplinarity.

Introdução

Este artigo relata a experiência de dois professores em um colégio da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) no Município do Rio de Janeiro durante os anos de 1994 a 2000, para alunos de quinta e sexta séries (atuais sexto e sétimo anos), a partir de atividades desenvolvidas na horta escolar através da disciplina de Técnicas Agrícolas como parte do currículo da referida escola.

Ressaltamos que neste mesmo estabelecimento de ensino também cursamos todo o ciclo básico. Alguns anos depois, já graduados, ao realizarmos uma visita ao colégio em 1994,

constatamos que o espaço da horta, abandonado durante alguns anos, estava sendo revitalizado pela Direção da época, cuja proposta construtivista, afirmava que a horta escolar era um espaço que poderia facilitar a inserção dos alunos na nova perspectiva pedagógica daquela instituição de ensino. Então fizemos uma proposta de retomarmos a disciplina de Técnicas Agrícolas com ênfase na educação ambiental. Um projeto foi apresentado e a direção considerando a sua pertinência, aprovou, realizando logo a nossa contratação.

Os alunos desenvolveram a produção de hortaliças, inicialmente distribuídas para eles, fizeram compostagem a partir da criação de minhocas, cujo húmus foi utilizado na adubação dos canteiros e dos jardins da escola. Foi realizada também a produção de plantas ornamentais utilizadas tanto para a organização dos jardins do próprio colégio como para a venda de mudas.

A experiência ao longo deste período demonstrou que as atividades realizadas na horta levaram os alunos a compreenderem o perigo na utilização de agrotóxicos para a saúde humana e para o meio ambiente; levou a uma compreensão da necessidade da preservação do meio ambiente escolar; desenvolveu a capacidade do trabalho em equipe e da cooperação; proporcionou um maior contato com a natureza, já que crianças dos centros urbanos estão cada vez mais se afastando do contato com o meio natural. Proporcionou ainda a modificação dos hábitos alimentares dos alunos, além da percepção da necessidade de reaproveitamento de materiais tais como: garrafas pet, embalagens tetra pak, copos descartáveis, entre outros. Tais atividades contribuíram sem dúvida para desenvolver a consciência de que é necessário adotarmos um estilo de vida mais suave em relação à natureza bem como a integração dos alunos com a problemática ambiental vivenciada a partir do universo da horta escolar.

A horta escolar

O Colégio Cenecista Capitão Lemos Cunha pertence à Rede da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), foi criado em 21 de março de 1960, e está situado numa área de 27.000 metros quadrados, totalmente arborizada. No período em que este trabalho foi desenvolvido, possuía cerca de 3.600 alunos distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno, sendo as referidas aulas ministradas nos turnos da manhã e da tarde.

O trabalho desenvolvido em dois tempos de aula, constituía-se em dois momentos, o primeiro em sala de aula, onde eram trabalhados os conceitos, princípios, histórico da agricultura, visão da educação ambiental, importância das hortaliças para a saúde, formas de plantio, cultivo e cuidado com as hortaliças. No segundo momento os alunos se dirigiam à horta para as aulas práticas.

A produção da horta foi iniciada aproximadamente seis meses após o início das aulas neste mesmo ano, quando os alunos já haviam se ambientado ao espaço destinado ao cultivo das hortaliças. Todos os professores contribuíram com a aquisição das sementes, cujas espécies foram recomendadas pelos professores da disciplina de Técnicas Agrícolas, observando à característica do solo, as influências climáticas, a facilidade de transplântio, a resistência à “pragas”, enfim, aspectos que influenciam no desenvolvimento das plantas. Em todas as aulas havia muitos alunos que traziam pacotinhos de sementes para reposição daquelas que já haviam sido plantadas.

Em função da existência dos canteiros, em sala de aula foram calculados junto com os alunos: a área de cada canteiro e a distância entre eles; a distância entre as covas para colocar as sementes de espécies de plantio definitivo, o número de covas, o número de sementes colocadas em cada cova, o tempo de germinação, o período apropriado para colheita.

Para as espécies de transplântio, frente à inexistência de sementeiras, os alunos deram a idéia de utilizarmos caixas (de isopor) de ovos vazias; posteriormente foram adquiridas duas sementeiras, o que facilitou muito o trabalho na horta.

As árvores frutíferas (mangueiras, mamoeiros, bananeiras, abacateiros) existentes na horta, foram podadas para possibilitar maior entrada de sol e facilitar o bom desenvolvimento das plantas. Os frutos eram encaminhados ao restaurante do colégio e servidos como sobremesa.

A formação de um minhocário foi possível a partir do fornecimento de uma grande quantidade de composto orgânico pela Usina de Transformação de Lixo da Companhia de Limpeza Municipal. Este composto foi utilizado também na adubação dos jardins.

No segundo semestre do mesmo ano foi realizada uma feirinha onde foi vendida parte da produção da horta.

Com a produção de composto estabilizada, no segundo semestre de 1995 foi iniciada a produção de mudas ornamentais destinadas a organizar os jardins do Colégio; posteriormente estas mudas foram colocadas à venda.

Educação ambiental a partir da horta escolar

A questão ambiental vem sendo amplamente debatida e ganhando cada vez mais espaço em muitos e diferentes contextos sociais, assumindo crescente importância nas instâncias política, acadêmica e na mídia.

A relação do homem com a natureza sempre se deu de forma dominadora. O modelo de desenvolvimento definido a partir da Revolução Industrial acarretou uma intensificação da destruição dos recursos naturais provocando reações e a organização de parcelas da sociedade em torno da preservação da natureza. A partir da década de 70 os debates sobre a questão ambiental aumentaram, surgiram os movimentos ambientalistas, que compreendiam a problemática ambiental como uma crise que já atingia toda a civilização frente à degradação ambiental. Após a realização de vários encontros nacionais e internacionais, envolvendo instituições governamentais e não-governamentais, foi indicado nos documentos resultantes destes eventos que uma das estratégias utilizadas para conter o processo de destruição da natureza seria a educação, através de uma nova dimensão - a Educação Ambiental – que surge como um processo educativo que conforma um conhecimento ambiental que se traduz em valores éticos.

A Educação Ambiental representa uma ferramenta fundamental para estabelecer uma ligação mais estreita entre o ser humano e a natureza. Uma transformação social de caráter urgente que busque conforme Sorrentino (2005), a superação das injustiças ambientais e sociais na humanidade.

Esta abordagem requer uma visão interdisciplinar, isto é, uma compreensão para além da ecologia, da biologia e da química. Gallo (2000, p. 6) cita como exemplo os problemas ecológicos e menciona que estes não podem mais ser abarcados apenas pela perspectiva apenas de uma disciplina como da biologia, ou da geografia, ou da química, ou da política etc.

“A ecologia constitui-se num novo território de saber, marcado pela interseção de vários campos de saberes, como estes já citados, além de muitos outros. Podemos chamar os problemas ecológicos de problemas híbridos”.

A interdisciplinaridade tem como estratégia a união de diferentes disciplinas em busca da compreensão e da resolução de um problema. Nesse âmbito as diversas disciplinas não precisam se afastar de seus conceitos e métodos para contribuir com um projeto ou com a solução de algum problema como já foi mencionado. Num processo interdisciplinar é importante que haja a união, a participação, o espírito de grupo, o engajamento, a comunicação e a ação. Nas palavras de Gallo (Idem),

“o sentido geral da interdisciplinaridade é a consciência da necessidade de um interrelacionamento explícito entre as disciplinas todas. Em outras palavras, a interdisciplinaridade é a tentativa de superação de um processo histórico de abstração do conhecimento que culmina com a total desarticulação do saber que nossos estudantes (e também nós, professores) têm o desprazer de experimentar”.

Nesse sentido o papel do educador ambiental no ensino fundamental é muito relevante, já que a Educação Ambiental não é uma matéria somada àquelas existentes e sim um tema transversal que exige a união das disciplinas do currículo além do conhecimento de vários temas da atualidade, o que se constitui num desafio, que obrigatoriamente leva à uma constante pesquisa por parte dos profissionais. Tal desafio (Gallo, 2001), faz com que os cientistas comecem a explorar as fronteiras entre as ciências e a partir dessa exploração se constrói a proposta da interdisciplinaridade, numa tentativa de restabelecer as ligações perdidas com as especializações. Assim, podemos depreender que a interdisciplinaridade é um processo de cooperação e intercâmbio entre as diversas áreas do conhecimento e de campos profissionais, que enriquecem a abordagem de um tema, sem privilegiar uma disciplina ou outra, pois envolve um trabalho que exige parcerias constantes. Para Japiassu (1976, p.75),

“Estamos diante de um processo interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicas, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem, depois de terem sido comparados e julgados. Onde podemos dizer que o papel específico da atividade interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para religar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de assegurar a cada uma seu caráter propriamente positivo, segundo modos particulares e com resultados específicos”.

A Educação Ambiental requer conhecimento de caráter social como: valores culturais, morais, justiça, saúde, a noção de cidadania, entre outros aspectos que conformam a totalidade social.

A educação para a cidadania requer uma abordagem que seja cada vez menos fragmentada, que envolva metodologias interdisciplinares e inclua as questões sociais e que estas sejam submetidas à aprendizagem e à reflexão dos alunos, a partir de um tratamento didático que perceba a sua complexidade e dinâmica, atribuindo-lhes a mesma importância das áreas convencionais. Desta forma o currículo ganha em flexibilidade e abertura, já que os temas podem ser contextualizados e priorizados conforme as diversas realidades locais e regionais, possibilitando ainda a inclusão de novos temas (Gallo, 2001).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) criados pelo Ministério da Educação em 1998, indicam que a aprendizagem de valores e atitudes deve ser mais explorada do ponto de vista pedagógico e o conhecimento dos problemas ambientais e de suas conseqüências desastrosas para a vida humana é importante para promover uma atitude de cuidado e atenção com essas questões, incentivar ações preservacionistas (BRASIL, 1998).

A Educação Ambiental contribui fortemente para o processo de conscientização levando à mudanças de hábitos e atitudes do homem e sua relação com o ambiente. Destacamos ainda que a Educação Ambiental trás a questão de que há uma necessidade de se buscar a democratização da cultura, do acesso e permanência na escola bem como da melhora do nível cultural da população para compreender o que é ciência, os avanços científicos e tecnológicos e as possibilidades de solução para diversos problemas de nossa época. Loureiro (2004, p.89) compartilha da mesma idéia ao expressar que a Educação Ambiental deve possuir um conteúdo emancipatório, onde

“as alterações da atividade humana, vinculadas ao fazer educativo possam conferir mudanças individuais e coletivas, locais e globais, estruturais e conjunturais, econômicas e culturais”.

A idéia expressa por Freire (2000) é a de que temos que assumir o dever de lutar pelos princípios éticos fundamentais como o respeito à vida humana, aos animais, aos rios e às florestas. Portanto, deve estar presente em qualquer prática educativa de caráter crítico ou libertador.

No caso da produção de alimentos in natura Ruscheinsky (2002), aponta para a necessidade de conferir a agricultura um caráter mais auto-sustentável e menos agressivo à natureza como atualmente é a agricultura convencional. Nesse sentido a chamada agricultura ecológica surge como uma alternativa que confere inúmeros benefícios aos produtores, aos consumidores e para o meio ambiente como um todo. Este tipo de agricultura exclui do seu sistema de produção o uso de fertilizantes sintéticos de alta solubilidade e agrotóxicos, além de reguladores de crescimento e aditivos sintéticos para a alimentação animal. A recomendação é que seja utilizado o esterco animal, rotação de culturas, adubação verde, compostagem e controle biológico de pragas e doenças. Este sistema procura manter a estrutura e produtividade do solo, trabalhando em harmonia com a natureza.

A importância da Educação Ambiental durante as aulas foi levar aos alunos conhecimentos sobre um tipo de agricultura mais natural, o perigo da utilização de agrotóxicos e o mal que estas substâncias causam à saúde humana, aos animais e aos ecossistemas. Também foi uma maneira dos estudantes descobrirem a importância dos legumes e verduras para a nossa nutrição. Além disso, a possibilidade de sair da sala para assistir aula em um espaço aberto, e estar em contato direto com a terra, com a água, poder preparar o solo, conhecer e associar os ciclos alimentares de sementeira, plantio, cultivo, ter cuidado com as plantas e colhê-las tornou-se uma diversão, além de ser um momento em que os alunos aprenderam a respeitar a terra. Sem dúvida a combinação destes conhecimentos levou os alunos à compreensão de que o solo fértil contém bilhões de organismos vivos e que estes são microorganismos que realizam transformações químicas fundamentais para a manutenção da vida na Terra. Conforme prepondera Capra (2005) em razão da natureza do solo vivo temos que preservar a integridade dos grandes ciclos ecológicos em nossas práticas agrícolas e de jardins. Essa perspectiva apóia-se num profundo respeito pela vida e faz parte de muitos métodos tradicionais de cultivo da terra que estão sendo atualmente resgatados pela agricultura ecológica, pela agricultura orgânica, pela agricultura biodinâmica, entre outros.

Nesse sentido afirmamos que a horta escolar é o espaço propício para que as crianças aprendam os benefícios de formas de cultivo mais saudáveis. Além disso, aprendem a se alimentar melhor, pois como se sabe, as crianças geralmente não gostam de comer verduras e legumes e o fato de cultivar o alimento que levarão para casa os estimula a comê-los, especialmente quando conhecem a origem dos vegetais e sabem que são cultivados sem a adição de insumos químicos. O espaço da horta escolar é caracterizado por Capra (idem) como um local capaz de religar as crianças aos fundamentos básicos da comida e ao mesmo tempo integra e enriquece todas as atividades escolares. As atividades na horta despertam para não deprender, mas para conservar o ambiente e a trilhar os caminhos para alcançar o desenvolvimento sustentável.

Durante esta passagem pelo Colégio Lemos Cunha, foi observado ainda que, a partir das atividades desenvolvidas na horta, os alunos ficaram sensibilizados com a preservação do ambiente escolar, identificando áreas degradadas nos jardins, bueiros entupidos por falta de limpeza periódica e preventiva, que impossibilitava o escoamento de água da chuva ocasionando o empoçamento em vários pontos do colégio. Tal situação os levou a procurar a direção e apresentar o que foi identificado por eles e pedir a limpeza dos bueiros. Além disso, passaram a ter atenção e cuidado com os animais silvestres, especialmente gambás, que migravam de uma

área protegida próxima ao colégio em busca de alimentos nas lixeiras da cantina e usualmente eram maltratados por alguns estudantes.

As atividades desenvolvidas na horta também promoveram a oportunidade de muitas crianças estabelecerem contato com a natureza, pois muitas delas perderam esta possibilidade, pois muitas famílias residiam em edifícios. Ao manipularem a terra muitos estudantes adquiriram maior habilidade manual; houve o caso de um menino em tratamento psiquiátrico, a quem o médico indicou a realização de atividades com a terra como terapia e para melhorar a coordenação motora, a habilidade manual e adquirir mais força com as mãos. Para este aluno foi estabelecido um horário especial além daquele referente às aulas de Técnicas Agrícolas. Ressalta-se que o médico que acompanhava o menino gostou muito de observar o seu bom desenvolvimento após quinze dias de atividades.

A questão ambiental possui um caráter complexo, pois envolve diversos campos do saber. Tal aspecto exige uma abordagem cada vez menos fragmentada, carecendo da utilização de métodos interdisciplinares, com uma visão sistêmica, um pensamento holístico (Capra, 1982; Leff, 2001) que possibilite restabelecer uma determinada realidade na sua totalidade.

Nesse sentido a Educação Ambiental requer uma abordagem interdisciplinar, já que lida com a realidade, adota uma abordagem que considera todos os aspectos que compõem a questão ambiental e sociocultural e procura conforme Oliveira (2003) estabelecer um diálogo entre as diversas culturas presentes nos mais diversos espaços/tempos sociais, onde a vida cotidiana não é apenas lócus de repetição, é também, e, sobretudo, espaço/tempo de produção de conhecimentos válidos e necessários (Alves, 2004).

Um trabalho de ensino-aprendizagem precisa ser conduzido a partir de uma visão integradora, voltada para as realidades ecológica, econômica e sociocultural de cada indivíduo, de cada sociedade, de cada região. Assim sendo, um trabalho de ensino-aprendizagem como este nos remete àquilo que prepondera Oliveira (2004, p. 9) ao abordar questões relacionadas às alternativas curriculares, sobretudo como possibilidade de contribuição para a emancipação social, de que o currículo não é apenas

“uma lista de conteúdos a serem ministrados a um determinado grupo de sujeitos, mas como criação cotidiana daqueles que fazem as escolas e como prática que envolve todos os saberes e processos interativos do trabalho pedagógico realizado por alunos e professores”.

Além disso, Oliveira (Idem) expressa a idéia de que,

“a vida cotidiana tem seus próprios currículos, expressos nos processos sociais de aprendizagem que permeiam todo o nosso estar no mundo e que nos constituem. Nesse sentido, alternativas curriculares, desenvolvidas dentro e/ou fora da escola, que podem ser entendidas como contribuição para a emancipação social na medida em que representam experiências voltadas para o conhecimento-emancipação (...). Como redes de práticas habitadas tanto por presenças quanto por ausências, os fazeres pedagógicos aqui apresentados ganham sentido emancipatório, voltando-se para a superação do colonialismo e buscam caminhar em direção à solidariedade”.

Oliveira (idem) também aborda o aspecto da criatividade, para além daquilo que é imposto ou norma curricular, ou seja, as artes do currículo, são as maneiras que se fazem, produzem currículos reais através de procedimentos e mecanismos que procuram o desenvolvimento de uma ação educativa mais eficaz.

Assim, durante as aulas resgatou-se a história da agricultura e através dela foi apresentado como o ser humano desde a pré-história vem buscando através das práticas agrícolas garantir o seu sustento. Foram muitos os caminhos percorridos pela humanidade. Primeiro o homem atravessou o chamado período mítico-religioso, através do qual ele acreditava que as boas colheitas ocorreriam devido à interferência dos deuses e às suas superstições.

Num segundo período histórico o homem passa a observar a natureza com mais atenção e procura imitá-la na busca de obter melhores colheitas.

A partir do momento em que a ciência é criada o homem começa a aprimorar as suas técnicas e a aperfeiçoar e ampliar o modo de produzir.

As modificações sofridas nas técnicas aplicadas à agricultura, como a utilização de insumos químicos no controle de plantas invasoras, fertilizantes, maquinários pesados, desmatamentos para a formação de pastos ou para grandes plantações, novas variedades genéticas, irrigação, entre outros, acentuou a degradação ambiental e aumentou os riscos à saúde humana. A utilização de agrotóxicos e outros produtos perigosos para o meio ambiente, levaram a uma exploração excessiva e ao desgaste dos ecossistemas acarretando graves problemas ao meio ambiente.

O desenvolvimento da ciência trouxe muitos benefícios, mas também produziu muitos malefícios. Ao mesmo tempo em que a indústria prosperou, a população aumentou e se concentrou, a poluição surgiu e atingiu níveis tão alarmantes que se tornou uma preocupação constante em nossas vidas. Tal aspecto levou a sociedade civil a se organizar e a estabelecer formas de defesa do meio ambiente e uma destas foi o desenvolvimento sustentável – criado na década de 80.

Destaca-se que outra atividade muito interessante foi a venda de mudas de plantas ornamentais. Houve uma produção muito grande de espécies destinadas à reposição e organização dos jardins do colégio, e os alunos tiveram a idéia de fazer uma feirinha de mudas destas plantas. As espécies foram escolhidas pelos alunos em função da procura. No primeiro dia foram colocadas para a venda cinco exemplares de cada espécie, totalizando trinta mudas. Como algumas foram mais procuradas, os alunos anotaram os nomes e na feirinha da semana seguinte organizaram as mudas conforme a demanda. Também decidiram que as mudas seriam plantadas em copos plásticos descartáveis reaproveitados diariamente recolhidos nas lixeiras da cantina do colégio. Esta escolha se deu por duas razões, a primeira por não dispormos de saquinhos para mudas; a segunda para adotar a perspectiva de reaproveitamento de um tipo de resíduo sólido, pois em uma de nossas aulas sobre preservação ambiental foi apresentado e debatido o problema do lixo. Então ao se depararem com este tipo de problema os alunos tiveram a idéia de recolher os copos, lavá-los, furá-los para possibilitar o escoamento de água, encher com a terra adubada e plantar as mudas.

Após esta etapa definiram os preços, em função da espécie e do tamanho da muda. Durante a feirinha eram anotados o nome, o número de plantas vendidas e o preço de cada uma; um dos alunos era escolhido para ser o tesoureiro. No final das feirinhas os próprios alunos faziam a contabilidade e o valor arrecadado após apresentado aos professores entregue na tesouraria do colégio. Esta atividade possibilitou a melhor compreensão de alguns conceitos e cálculos matemáticos.

A participação em três desfiles ecológicos em comemoração a Semana Mundial do Meio Ambiente levou os alunos a se envolverem em atividades muito construtivas. Estes desfiles eram organizados pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Secretaria Municipal de Educação e as Organizações não governamentais: Viva Rio, Instituto de Estudos da Religião (ISER), Grupo de Defesa Ecológica (GRUDE), Roda Viva e outros parceiros. A idéia era colocar em debate um tema ambiental relevante para a cidade do Rio de Janeiro e contribuir para o aumento da consciência ambiental da cidade.

Em 1998 o tema foi sobre o verde de nossas matas, da nossa paisagem e daquilo que poderíamos definir como natureza urbana, contida nas praças, parques e jardins.

Em 1999 o tema tratou sobre a questão das águas: sua qualidade e a preservação dos recursos hídricos.

O desfile ecológico de 2000 abordou os 500 anos de história e natureza e a proposta foi apresentar e debater as diversas concepções de natureza que o Brasil até então tinha produzido e

vivido, focando a ligação entre natureza e cultura a partir da idéia de que as nossas práticas ambientais estão relacionadas com matrizes culturais antigas, adquiridas dos europeus, indígenas e negros originários da África.

O processo pedagógico em todos os desfiles se desenrolou da seguinte forma: os temas foram escolhidos pelas escolas participantes a partir de uma lista sugerida pelos organizadores. Após a escolha, o tema era debatido por professores e estudantes através de palestras e dinâmicas de sensibilização. Findo estes debates, cada escola montava uma oficina onde se trabalhava arte e ecologia. Nestas oficinas professores de educação artística e educadores ambientais ensinavam as crianças a confeccionarem suas fantasias e alegorias que seriam utilizadas no desfile. Tais vestimentas e acessórios eram feitos a partir de material reaproveitado: anéis de latinhas de alumínio, garrafas pet, tampinhas, caixas tetra pak, embalagens, pedaços de fita, de tecido, de emborrachados, folhas secas, sementes, entre outros materiais.

Além disso, os alunos eram estimulados a criar uma música que apresentasse o tema por eles escolhidos.

Durante os desfiles, realizados na Avenida Atlântica, no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, as crianças tinham a oportunidade de mostrar seus trabalhos e de ver o trabalho dos colegas.

O conjunto destas atividades, tanto na sala de aula convencional, como na horta e em atividades extra-classe levou os alunos ao exercício da cidadania, a adquirirem novos valores, novas percepções e novas formas de pensar, através do trabalho em equipe, da solidariedade, da cooperação, do desenvolvimento da criatividade, do senso de responsabilidade, de autonomia e, sobretudo da sensibilidade e de assumir novas atitudes em relação à busca de soluções para os problemas ambientais.

A questão pedagógica, não é apenas a questão da aprendizagem, mas também a dos valores fundadores da ação: humanismo, respeito aos outros, democracia, trocas e solidariedade. Portanto, é fundamental que esses valores não sejam negados pela prática institucional e/ou por uma pedagogia que não esteja em coerência com eles (Noël-Even, 2004).

A construção de uma outra sociedade mais justa, solidária, pacífica e sustentável se apresenta cada dia mais utópica e distante e ao mesmo tempo urgente, necessária e pertinente. Assim se multiplicam em todo o mundo os espaços de encontro dos anônimos e anônimas que investem seu tempo e energia na construção dessa sociedade que não sabemos muito bem como será, e de que temos apenas alguns indícios de como queremos que seja (Reigota, 2004, p. 209).

Considerações finais

O trabalho desenvolvido no Colégio Cenecista Capitão Lemos Cunha ao longo de seis anos, representou aquilo que Oliveira (2004) considera como um modo diferente de reinventar o fazer pedagógico, através da criação cotidiana de uma alternativa curricular emancipatória, cujo resultado vai ao encontro da idéia de uma educação para a (e na) cidadania onde podemos compreender melhor que cada um de nós se forma enquanto uma rede de sujeitos, e sendo assim, a fragmentação tanto dos saberes quanto das dimensões da vida, tanto não faz sentido como prejudica a formação (Pacheco, 2004; Oliveira, 2004).

As atividades desenvolvidas nas aulas contribuíram para conscientizar alunos de quinta e sexta séries acerca da temática ambiental, levando-os a um interesse maior no conhecimento e nas relações estabelecidas com o meio ambiente através da experiência com a horta e a compreenderem a necessidade da conservação dos ecossistemas, do reaproveitamento de resíduos sólidos e da importância das hortaliças para a saúde humana.

Ao cuidar da horta os alunos adquiriram novos valores e novas formas de pensar, através do trabalho em equipe, da solidariedade, das práticas do cuidar, da cooperação, desenvolveram o senso respeito e de responsabilidade, de autonomia e da sensibilidade em compreender que os ciclos ecológicos estão presentes na vida de todos os seres vivos e estes precisam de respeito, atenção e cuidado. As atividades desenvolvidas nas aulas demonstraram que a educação ambiental além de estar presente nos projetos pedagógicos pode e deve ser abordada em todos os segmentos escolares e por todas as disciplinas.

A construção de valores mais humanizados deve permear todo o processo educativo para que se estabeleçam desde cedo relações saudáveis com o meio ambiente e entre as pessoas, para que se formem cidadãos capazes de assumir novas atitudes em relação à busca de soluções para os problemas sociais e ambientais.

Referências bibliográficas

ALVES, N. (org.). **Criar currículo na cotidiano**. São Paulo: Cortez Editora, 2004. Série Cultura, Memória e Currículo; vol. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos – apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

CAPRA, F. et al. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Editora Pensamento/Cultrix, 2005.

NOËL-EVEN, J. O liceu experimental de Saint-Nazaire: uma utopia? In: OLIVEIRA, I. B. (Org.). **Alternativas emancipatórias em currículo**. São Paulo: Cortez Editora, 2004. Série Cultura, Memória e Currículo; vol. 4.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo. Editora Unesp, 2000.

GALLO, S. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. (orgs.) **O Sentido da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Disponível em:

<http://www.cursoideb.utopia.com.br/tiki-index.php?page=Transversalidade+e+educa%C3%A7%C3%A3o+de+Silvio+Gallo>

Acesso em: 29/09/2007

GALLO, S. Transversalidade e meio ambiente. In: **Ciclo de palestras sobre o meio ambiente**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

LOUREIRO, C.F.B. **Trajatória e fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

OLIVEIRA, I. B. (Org.). **Alternativas emancipatórias em currículo**. São Paulo: Cortez Editora, 2004. Série Cultura, Memória e Currículo; vol. 4.

PACHECO, J. Fazer a Ponte. In: OLIVEIRA, I. B. (Org.). **Alternativas emancipatórias em currículo**. São Paulo: Cortez Editora, 2004. Série Cultura, Memória e Currículo; vol. 4.

PHILIPPI JR, A. (Org.). **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Cegos, 2000.

REIGOTA, M. Fórum Social Mundial: um processo pedagógico de desconstrução de mitos e construção utópica. In: OLIVEIRA, I. B. (Org.). **Alternativas emancipatórias em currículo**. São Paulo: Cortez Editora, 2004. Série Cultura, Memória e Currículo; vol. 4.

RUSCHEINSKY, A. **Educação ambiental, abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SORRENTINO, M. et al. Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 Jun. 2007.